



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM - FACL
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

THAINA FERREIRA GOMES BAHIA

**A LITERATURA INDIGENA INFANTO JUVENIL COMO FORMA DE
VALORIZAÇÃO DA CULTURA ORIGINAL NATIVA NAS DIRETRIZES DA BNCC**

ABAETETUBA – PA

2022

THAINA FERREIRA GOMES BAHIA

**A LITERATURA INDIGENA INFANTO JUVENIL COMO FORMA DE
VALORIZAÇÃO DA CULTURA ORIGINAL NATIVA NAS DIRETRIZES DA BNCC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, veiculada à Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba/ baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato.

ABAETETUBA – PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B1511 BAHIA, Thaina Ferreira Gomes.
A literatura indígena infanto-juvenil como forma de valorização da cultura original nativa nas diretrizes da BNCC / Thaina Ferreira Gomes BAHIA. — 2022.
43 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

1. Literatura. 2. Literatura Infantil. 3. Cultura. 4. Cultura Indígena. I. Título.

CDD 807

THAINA FERREIRA GOMES BAHIA

**A LITERATURA INDIGENA INFANTO JUVENIL COMO FORMA DE
VALORIZAÇÃO DA CULTURA ORIGINAL NATIVA NAS DIRETRIZES DA BNCC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem, veiculada a Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba/ baixo Tocantins, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato.

Data de defesa: 16 de novembro de 2022

Conceito: 8,5 - B

Banca examinadora:

Prof^o. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato

Orientador –UFPA

EXAMINADOR I

EXAMINADOR II

ABAETETUBA – PA

2022

Dedico esta pesquisa à Deus, ao meu sogro João de Melo Bahia (in memoriam), à minha querida família e à minha numerosa família da fé (Igreja Universal), especialmente, ao Força Jovem Universal, que foi minha faculdade da fé, no qual aprendi no Projeto Universitários a ser uma jovem visionária e pensar no meu futuro.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo à Deus, por ter paciência e me amado tanto, mesmo diante das minhas dúvidas. Nele encontrei forças que não imaginava que tinha, e abrigo nos momentos mais difíceis que enfrentei na vida e ao longo do curso.

À meu esposo Josivan Bahia, em seu colo encontrei o alívio para cada choro, e sua atenção, paciência e carinho, mesmo eu repetindo diversas vezes que queria desistir, sempre tinha aquela palavra motivadora para continuar seguindo, e se sacrificou trabalhando arduamente para me proporcionar o privilégio de estudar e sempre ter a melhor condição para isso. Te amo meu guerreiro, melhor amigo e verdadeiro amor.

Agradeço a minha sogra Silvana Bahia, por sempre me motivar e pelo grande suporte em minha caminhada acadêmica, quando chegava cansada e com fome do curso, sempre foi sua comidinha que me acalantou. Te amo minha pequenazinha, és uma mãe para mim.

Ao meu tio Raimundo Ferreira Silva, carinhosamente chamado de “tio Paraense” por ser um pai que nunca tive e meu transporte ao decorrer do curso, indo por baixo de sol e chuva, nunca medindo esforços para ajudar em tudo. Se Deus me desse a oportunidade de escolher um pai, com toda a certeza seria o senhor.

À minha saudosa mãe Katia Helena por ter me ensinado a ser forte, e a nunca desistir de meus sonhos, incentivado sempre os meus estudos. Minha guerreira, tenho muito orgulho da senhora.

Às minhas irmãs Thalia, Tássia e Thais que só por existirem me deram forças para continuar sendo exemplo para vocês, amo-as.

Aos meus colegas e amigos de curso, Rosane de Melo, Andreia da Costa, Alaine das Chagas, Kesllen Guedelha, Diana, Arlene, Mailson, e muitos outros, obrigada pelo companheirismo nos trabalhos acadêmicos, nos eventos e conversas.

À minha chefe Dr^a. Vanessa Amâncio pela oportunidade de estudar quando precisava ausentar-me do trabalho. À querida amiga Antônia Negrão por ter acreditado em mim quando ninguém acreditou no início da minha vida profissional. À minha colega de trabalho e amiga Fabiana Melo por toda ajuda e incentivo. À minha amiga e colega de trabalho Jessica Santos, por me ensinar muito, em pouco tempo, e ser um exemplo.

E por fim, mas não menos importante ao Mestre Rinaldo Lobato, meu orientador, que mesmo com suas limitações, sempre estava disponível a me ajudar e não me abandonou. O senhor é meu exemplo de persistência e de docente.

Somos habitantes da floresta. Nossos ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes de os meus pais nascerem, e muito antes do nascimento dos antepassados dos brancos. Antigamente éramos realmente muitos e nossas casas eram grandes. Depois, muitos dos nossos morreram quando chegaram esses forasteiros com suas fumaças de epidemias e suas espingardas

Davi Kopenawa Yanamami – A queda do Céu (2015).

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a forma como a Literatura Indígena é colocada na BNCC, buscando refletir como a valorização da Cultura indígena se dá na realidade das escolas e quais as suas implicações para a formação de crianças e jovens leitores, mais precisamente quando falamos da cultura indígena. Para além disso, essa discussão lança o olhar sobre literatura geral, literatura infantil, literatura de resistência e literatura indígena. Nesta perspectiva, objetivo geral é analisar as influências da literatura na formação dos sujeitos e na valorização da sua própria cultura. Os objetivos específicos são compreender a cultura pelo olhar de autores indígenas que ressignificam o papel do índio frente as publicações da época da colonização, expor a pluralidade de literaturas disponíveis para a formação de leitores nas mais diversas realidades do país, investigar como a BNCC retrata a literatura na perspectiva da realidade da cultura indígena e empregar propostas que podem ser geradas em torno da temática para o ensino fundamental. O referencial teórico desta pesquisa é composto por documentos oficiais como a Constituição Federal, a BNCC, os PCN's e autores como Gallo (2017), Marchelli (2017), Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), Eagleton Terry (2003), Alfredo Bosi (2002), Hunt (2010), Vangri Kaingáng (2017), Dorrico (2018), Danner (2018), Correia(2018), e Danner (2018).

Palavras-Chave: Literatura; Literatura Infantil; Cultura; Cultura Indígena.

ABSTRACT

This research has as its theme the way in which Indigenous Literature is placed in the BNCC, seeking to reflect on how the appreciation of Indigenous Culture takes place in the reality of schools and what are its implications for the formation of children and young readers, more precisely when we talk about culture indigenous. Furthermore, this discussion take a look at general literature, children's literature, resistance literature and indigenous literature. In this perspective, the general objective is to analyze the influences of literature in the formation of subjects and in the valorization of their own culture. The specific objectives are to understand culture through the eyes of indigenous authors who resignify the role of the Indian in the face of publications from the time of colonization, to expose the plurality of literature available for the formation of readers in the most diverse realities of the country, to investigate how the BNCC portrays the literature from the perspective of indigenous culture and employ proposals that can be generated around the theme for elementary education. The theoretical framework of this research is composed of official documents such as the Federal Constitution, the BNCC, the PCN's and authors such as Gallo (2017), Marchelli (2017), Libâneo, Oliveira and Toschi (2012), Eagleton Terry (2003), Alfredo Bosi (2002), Hunt (2010), Vangri Kaingáng (2017), Dorrico (2018), Danner (2018), Correia (2018), and Danner (2018).

Key words: Literature; Children's literature; Culture; Indigenous Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 OS POVOS ORIGINAIS, A CULTURA ORIGINAL E O TERRITÓRIO DA NAÇÃO.....	14
1.1 Povos Originais no Território do Brasil: Etnias, Línguas, população.....	14
1.2 A figura indígena, sua cultura e as redefinições da terminologia.....	14
1.3 Cultura	15
2 O QUE É A BNCC?.....	18
2.1 A BNCC e as implicações do currículo na cultura indígena.....	21
3 DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÕES DAS LITERATURAS.....	25
3.1 Literatura.....	25
3.2 Literatura de resistência.....	26
3.3 Literatura Infantil.....	27
3.4 Literatura Indígena.....	28
3.5 Literatura Indígena em Sala de Aula.....	29
4 MÉTODOS E PROPOSTAS.....	30
4.1 Organização da proposta da sequência didática.....	32
4.2 Plano de Aula – Passo a Passo detalhado das Oficinas	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vida um indivíduo tem contato com diversos tipos de manifestações artísticas e linguísticas, diversas culturas e realidades, e em algum momento ele terá contato com a cultura nativa de povos indígenas. Contudo, pode ser salientado que é bem insuficiente e até raro o contato de uma pessoa com obras de artistas nativos no decorrer da caminhada escolar, sendo isto primordial para o desenvolvimento da valorização de nosso patrimônio cultural.

A figura indígena por muito tempo foi descrita às vistas de autores que possuíam um olhar limitado dos nativos, o que levou à explanações equivocadas e à criação de um estereótipo que por muitas vezes diminuía a figura do índio. Hoje em dia, é perceptível e forte a presença de variados autores contemporâneos que possuem naturalidade indígena e que buscam contribuir para a mudança dessa visão estereotipada, demonstrando uma proximidade maior com a cultura e destacando os valores que são desconhecidos por muitas pessoas.

A cultura de um povo é o que nos ajuda a compreender sua formação e seus valores, além disso, estes demonstram o quão rico e vasto é o conhecimento que permeia a vida das pessoas inseridas nesse contexto. Logo, a visão do índio, no Brasil, por muito tempo foi considerada aquela que os colonizadores buscaram perpetuar. Ademais, por serem pessoas de uma cultura totalmente diferente, não foram considerados os costumes, as crenças, as diferenças que haviam entre si, mas foram encarados de acordo com conhecimentos e achismos estabelecidos de um ponto de vista, na maioria das vezes, até romantizado. A partir da visão repassada pelos colonizadores, através do senso comum, o índio passou a ser visto como rude, selvagem, como alguém que necessitava ser catequizado e colonizado para se tornar uma pessoa de fato, pois não eram vistos como seres humanos. Na perspectiva do colonizador, essa pessoa a ser colonizada era inferior e por isso precisava passar por esse processo, buscando o esquecimento de suas origens, impondo de forma unilateral a sua cultura sem ao menos compreender o que havia por parte do outro.

Palavras como preguiçoso, rude, selvagem, inculto, entre outras, foram empreendidas para caracterizar o índio por parte do colonizador, mas os autores contemporâneos retratam não apenas a pessoa em si, mas o seu local de formação, a sua cultura, a individualidade de cada povo e a constituição do que são hoje, ou seja, buscam transmitir através da literatura as suas origens, demonstrando um ser que possui além de um vasto repertório cultural, uma visão diferente de mundo, crenças, costumes, valores e organização que os torna únicos.

Estereótipos que foram construídos há muito tempo atrás ainda permanecem na sociedade moderna, muitas pessoas ainda compartilham dos mesmos pensamentos dos colonizadores e isso interfere diretamente na desvalorização das diversas culturas presentes no país, dentre elas a cultura indígena. Desta forma, esta pesquisa se apresenta como um estudo sobre como é possível através da literatura buscar a valorização da cultura indígena na atualidade.

O método aplicado no estudo é a pesquisa bibliográfica, a qual segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54) é uma pesquisa que é elaborada mediante outros trabalhos que a antecederam, essas pesquisas podem ser livros, publicações, revistas, artigos científicos, jornais, boletins, entre outros. Para isso, o pesquisador deve entrar em contato com esses materiais, verificar sua veracidade e a partir de então construir a sua própria pesquisa. Além disso, a pesquisa tem caráter qualitativo que conforme aponta Minayo (2001) a pesquisa qualitativa vem trabalhar com um universo de significados, crenças, valores, motivos, aspirações e atitudes, por isso aponta para o centro dos processos, dos fenômenos e das relações humanas que não podem ser reduzidas em dados e indicadores numéricos. Para dar base a esta pesquisa serão utilizados alguns documentos oficiais a Constituição Federal, a BNCC, os PCN's e o referencial teórico está fundamentado em autores como Gallo (2017), Marchelli (2017), Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), Eagleton Terry (2003), Alfredo Bosi (2002), Simões (2013), Cunha (1987), Hunt (2010), Vangri Kaingáng (2017), Dorrico (2018), Danner (2018), Correia (2018), e Danner (2018).

No que se refere à relevância social e cultural da pesquisa, a realização deste projeto é de suma importância para que seja difundida, por meio da literatura, uma outra visão dos povos que por muito tempo foram tratados como primitivos. Levando ao público infante juvenil um repertório rico de tradição, cores e saberes, para que não só conheçam a cultura indígena por meio de lendas, mas também pelas vivências dos autores nativos. Tendo em vista que, a diversidade cultural precisa ser respeitada e apreciada pelo brasileiro, pois ela é nossa marca identitária. Por esta razão, objetivo geral é analisar as influências da literatura na formação dos sujeitos e na valorização da sua própria cultura. Os objetivos específicos são compreender a cultura pelo olhar de autores indígenas que ressignificam o papel do índio frente as publicações da época da colonização, expor a pluralidade de literaturas disponíveis para a formação de leitores nas mais diversas realidades do país, investigar como a BNCC retrata a literatura na perspectiva da realidade da cultura indígena e empregar propostas que podem ser geradas em torno da temática para o ensino fundamental.

O trabalho está organizado em quatro seções: a primeira seção intitulada “Os povos originais, a cultura original e o território da nação” é abordada a figura indígena, sua cultura e as redefinições da terminologia, bem como sua cultura; na segunda seção “O que é a BNCC?” é feita uma abordagem sobre as implicações, influências, habilidades e competências que este documento oficial determina sobre as literaturas infanto juvenis indígenas; na terceira seção intitulada “Definições e caracterizações das literaturas” nos pautamos em conceituar e analisar as literaturas, sendo elas a literatura de maneira geral, a infantil, a indígena e a infantil indígena; quarta seção intitulada de “Métodos e propostas” buscamos apresentar a metodologia de como é possível através da literatura buscar a valorização da cultural indígena. E por fim, temos as considerações finais que pontuam as conclusões que obtivemos e a exequibilidade do trabalho.

1 OS POVOS ORIGINAIS, A CULTURA ORIGINAL E O TERRITÓRIO DA NAÇÃO

1.1 Povos Originais no Território do Brasil: Etnias, Línguas, população

De 1500 para cá, a população indígena teve um declínio acentuado e a maioria dos povos que existiam foram extintos e nem chegaram a ser registrados na história. Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), esse desaparecimento desencadeou uma “contingência histórica”, contudo, nas últimas décadas, com a inclusão a partir de 1991 no censo demográfico do IBGE, a demanda de brasileiros que se consideravam indígenas cresceu. Assim, até a última pesquisa realizada em 2010, o crescimento alcançou o total de 896.917 mil pessoas.

As comunidades estão localizadas em cinco regiões brasileiras, no entanto, é na Região Norte que há a maior concentração de indígenas totalizando 305.873 mil que seria 37,4% do total. O estado na Região Norte com o maior número de indivíduos é o Amazonas, que representa 55% do total.

Segundo o Censo há cerca de 274 línguas indígenas registradas no país, sendo que cerca de 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa. As estatísticas apontam que o Brasil possui 305 etnias diferentes divididas em várias regiões, que tem comunidades presentes tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas. No entanto, essa população vem sofrendo uma acelerada modificação social, linguística e cultural, nesse sentido observamos a importância da FUNAI para promoção da proteção, prevenção e desenvolvimento das comunidades indígenas.

1.2 A figura indígena, sua cultura e as redefinições da terminologia

Como dito anteriormente, infelizmente, a figura do indígena na sociedade brasileira sempre foi colocada como inferior, de um indivíduo que correntemente necessitou de ensinamentos e que precisou ter sua cultura substituída no processo inicial de colonização até os dias atuais.

É de conhecimento de todos que os indígenas passaram por momentos de muita resistência no decorrer de sua história, por isso é muito importante que hoje se observe o seu passado para compreender e acompanhar os espaços que são ocupados no decorrer do tempo por estes indivíduos. Cunha (2009, p. 125-126) afirma que:

Os índios, no entanto, têm futuro: e, portanto, têm passado. Ou seja, o interesse pelo passado dos povos indígenas, hoje, não é dissociável da percepção de que eles serão parte do nosso futuro. A sua presença crescente na arena política nacional e internacional, sua também crescente utilização dos mecanismos jurídicos na defesa de seus direitos tornam a história indígena importante politicamente. Os direitos dos

índios à sua terra, diz a Constituição, são históricos, e a história adquire uma imediata utilidade quando se trata de provar a ocupação. Mas ela tem também o caráter de resgate de dignidade que não se pode esquecer.

“Índio” é um termo genérico colonizador que não considera as especificidades que existem entre os povos indígenas, tais como diferenças linguísticas e culturais, além de carregar ideias ultrapassadas que não valorizam a diversidade dos povos originários. Essa terminologia para os intelectuais indígenas de nossa época, que lutam pelas causas dos povos nativos, reproduz um significado pejorativo que remete à ideia eurocêntrica de que são atrasados e todos iguais.

O escritor e defensor da cultura indígena Daniel Munduruku, em sua fala na 63ª Feira do Livro em Porto Alegre que ocorreu em outubro de 2017, procurou desconstruir o imaginário que a maioria da população brasileira tem em relação a palavra “índio” e a carga simbólica que possui. Munduruku afirmou que quando as pessoas leem suas biografias, dizem que ele não é mais índio, que já é “civilizado”, no entanto o escritor enfatiza que ele não é índio e que não existem índios no Brasil, pois em sua concepção “Essa palavra não diz o que eu sou, diz o que as pessoas acham que eu sou. Essa palavra não revela minha identidade, revela a imagem que as pessoas têm e que muitas vezes é negativa” expõe Daniel.

Seguindo sua explanação o escritor explica que existem dois conceitos no imaginário da sociedade brasileira intrínseca a esta palavra, que respectivamente seriam: o olhar romântico do “índio” que vive no mato, ou como os escritores colonizadores chamavam de “o bom selvagem”, e o aspecto ideológico que considera que “índios são preguiçosos e atrasam o progresso”. Isso tudo é fruto do pensamento ocidental e colonizado, criando assim o achatamento da riqueza cultural, pois conforme Munduruku explica “Quando a gente chama alguém de índio, não ofende só uma pessoa, ofende culturas que existem há milhares de anos”, assim sendo, “esse olhar linear empobrece nossa experiência de humanidade. A gente defende um sistema de vida que tem dado certo há 3 mil anos”. Portanto, Daniel defende o uso adequado de tratamentos para a palavra “indígena”, que significa “nativo”, e orientou que também sejam levadas em consideração as etnias.

1.3 Cultura

Para entender um pouco da história indígena e conhecer um pouco de sua cultura, é necessário que se compreenda o conceito de cultura. Apesar de ser um conceito que pode

parecer de fácil compreensão, por ser interdisciplinar acaba se tornando complexo. Desta forma, “Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (apud Laraia, 2006, p.25).

Para Botelho (2007, p. 110):

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas consequências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco.

Desta forma, a cultura está relacionada a todas as características que formam o sujeito. Isto é, todas as informações que lhes são repassadas desde o dia de seu nascimento e durante toda sua vida. Para Sonia Rodrigues (2008, p. 01), cultura é “uma forma particular de ser, de estar, de viver e de sentir o mundo, onde está inserido uma somatória de costumes, tradições e valores”.

Palmquist (2018) em sua dissertação de mestrado expõe sobre o “etnocídio” que segundo ela é o mesmo que genocídio cultural. A pesquisadora explica segundo os estudos de Raphael Lemkin, existem seis formas de etnocídio, sendo elas: a destruição de lideranças indígenas, a conversão forçada, as proibições de atividades religiosas e culturais, a destruição de símbolos religiosos e culturais e a aniquilação de centros religiosos. Lemkin (apud Palmquist 2018) cita ainda em suas pesquisas que há etnocídios bem explícitos ao longo da história, como o assassinato de lideranças Incas pelos colonizadores espanhóis, outro exemplo eram as conversões forçadas dos indivíduos indígenas e a proibição e controle de danças e cerimônias religiosas, além da regulamentação de vestimentas e proibições de pinturas corporais no período colonial. Outra prática etnocida devastadora é a violação de símbolos culturais e sagrados, como por exemplo, a Casa Sol em Cusco, na América latina, tendo sido construída sobre ela um Monastério Católico. Palmquist (2018) traz um exemplo mais atual de assolação de patrimônio religioso e cultural de comunidades indígenas, a saber, destruição à dinamite da cachoeira das Sete Quedas, local sagrado dos indígenas Munduruku, no rio Teles Pires em 2012 para a construção da usina hidrelétrica.

A partir do momento que se compreende o conceito de cultura, torna-se mais fácil compreender o porquê a cultura indígena sempre foi vista de forma tão inferiorizada e até hoje passa por diversos movimentos etnocidas tanto da sociedade quanto pelo próprio poder público.

Nesse sentido, o conhecimento faz com que tenhamos noção de como agir ao contribuir para a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos em momentos da história que marcaram negativamente a cultura indígena.

2 O QUE É A BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento oficial que orienta os profissionais de Educação de todo o país e que reúne vários conteúdos a serem trabalhados nas diferentes faixas etárias e momentos da vida dos alunos. Na BNCC são designadas competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos no decorrer da sua vida escolar em cada área de conhecimento. Este documento, que tem sua origem na Constituição da República Federativa do Brasil, no ano de 1988, levou cerca de 30 anos para chegar a uma versão final e já passou por diversas atualizações. A Constituição Federal determina que devem ser definidos conteúdos mínimos para a educação básica no país, conforme o Art. 210 da carta Magna “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

A partir da determinação da Constituição Federal de 1988, foi necessário a criação de uma lei que regulamentasse a formulação deste documento. Apenas oito anos depois, em 1996, que foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu Artigo 26 regulamenta a criação da Base Nacional Comum Curricular. O texto afirma que:

Art. 26 - Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996).

Depois da regulamentação da lei de criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), era importante determinar critérios, métodos e padrões para a formulação deste documento. Foi com a finalidade de busca de qualidade na formulação da BNCC que um ano depois, em 1997, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 1º a 5º ano. Em 1998, dois anos depois, foram criados do 6º ao 9º ano, e em 2000, quatro anos depois, foi criado o Ensino Médio. Esse documento afirma que:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (BRASIL, 1997).

Depois destas determinações e da I Conferência Nacional de Educação (CONAE), na qual após vários debates foi reconhecida a necessidade da Criação da BNCC. Assim, em 2009 são instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e em 2010, para o Ensino Fundamental. No mesmo ano, foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNs). E somente em 2012 que são definidas as Diretrizes para o Ensino Médio.

Na 2ª Conferência Nacional pela Educação (CONAE), iniciaram-se as reflexões sobre as atualizações e possíveis mudanças no documento da BNCC. Este evento que foi realizado pelo Fórum Nacional de Educação (FNE) resultou em diversas propostas para que a BNCC se adequasse ainda mais as diversas realidades do país e pudesse de fato fazer com que o ensino básico acontecesse de forma comum e igualitária.

Apenas 27 anos depois da determinação da Constituição Federal a BNCC teve a sua primeira versão disponibilizada. Em 15 de dezembro de 2015 o documento foi enviado e foram orientadas movimentações nas escolas incentivando a reflexão a respeito dele. Já no ano seguinte, em 2016 foram organizados seminários para se discutir a segunda versão do documento. Em 2017, foi entregue a versão final da BNCC e ainda neste ano o Conselho Nacional de Educação apresentou a RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2017, que institui a implantação da Base Nacional Comum Curricular. Assim, em 2018, as escolas do Brasil todo já tinham acesso ao documento que determinaria sua trajetória dali em diante.

Em 2018, com a Base Nacional Curricular entrando em vigor no país, se iniciou o processo de discussão para a formulação de sua terceira versão, que também foi entregue durante o ano citado. Desta forma, a BNCC que teve início em 1988 e apenas em 2018 teve sua versão final entregue, já passou 30 anos em discussão.

Por toda trajetória da formulação da BNCC é inegável sua importância para a educação no País, pois é um documento que tem como principal objetivo a igualdade de ensino para todos, rompendo com a localização geográfica e permitindo com que todos os alunos de todas as escolas do país tenham acesso ao mesmo tipo de assuntos e conteúdos na sua vida escolar. Outro objetivo do documento é fazer com que as escolas públicas e privadas possam estar no mesmo nível educacional, desta forma alunos de diferentes classes sociais também tem acesso ao mesmo tipo de conteúdo, colocando em prática a preocupação social do documento, que é a igualdade de oportunidades e de acesso. E é definida como:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018).

Por ser um documento que determina e orienta vários métodos, há uma constante crítica por parte de autores que não concordam e que o acham um documento limitador, por ter uma visão fragmentada do ensino e por não observar a pluralidade de realidades no país, determinando para todo o território nacional uma única metodologia. Além disso, há diversas críticas sobre o processo de sua formulação, sobre a capacitação dos professores para colocar a base em prática e sobre os objetivos da construção deste documento. Para estes autores, mais precisamente para Libâneo, Oliveira e Toschi (2012 p. 259) é necessário analisar o contexto e a realidade escolar e não aplicar algo pronto, tornando-se essencial observar e viver em constante reflexão sobre, pois para eles essa construção deve levar em consideração o dia a dia das escolas. Segundo os autores,

as finalidades da educação escolar, bem como da organização curricular e pedagógica, devem ser objeto permanente de reflexão das escolas e dos professores, e não somente dos órgãos do sistema de ensino como o MEC, as Secretarias de Educação, o Conselho Nacional e os Conselhos Estaduais e Municipais de Educação. O currículo oficial ou escrito materializa-se por meio da prática dos professores; por essa razão, eles devem ser envolvidos permanentemente em sua formulação e em suas estratégias de execução, em benefício do conjunto dos alunos, sobretudo dos que mais necessitam da escola (LIBÂNEO, OLIVEIRA E TOSCHI, 2012, p. 259).

Assim, a realidade e o dia a dia escolar precisam ser levados em consideração quando se fala da construção de um documento que vai modificar e determinar uma rotina para aquele ambiente.

As críticas à BNCC advêm de inúmeras observações sobre o documento e são pertinentes até mesmo para que este documento possa estar em constante atualização para a adequação à realidade educacional do país. Além da crítica por ser algo limitador, também surgem comentários sobre sua criação, muitos autores afirmam que a base é uma coisa-feita e segue normas por ela mesma pré-determinadas. Outros autores falam sobre como a base é conservadora e ignora a realidade das escolas e dos professores, pois para eles, o que foi colocado neste documento é reflexo do seu processo de criação e do pensamento dos responsáveis por formular o mesmo. Para Sandra Mara Corazza (2016, p. 10),

[...] as palavras que advêm desses documentos dispõem a sua própria criação, inclusive, como estratégica, em prol de cumprir metas educacionais, levando a

educação a integrar e a funcionar de acordo com as metas que ela mesma define – e palavras importam porque são modos de pensar, sentir, avaliar, subjetivar os outros e a nós mesmos.

Para Gallo (2017, p. 38) a BNCC é sim um documento que controla e limita as ações dos educadores no país, para o autor, orientar o mesmo currículo para todo o território nacional demonstra interesse de um típico controle da população. Tendo em vista que, o exercício do poder produz efeitos sobre a sociedade, e por isso, a ideia de que a educação brasileira deve abarcar toda a variedade presente no país por um único modelo de orientação é uma utopia.

Dentre as inúmeras críticas que a BNCC recebe, a de formação de profissionais capacitados para interpretá-la é a que mais preocupa os estudiosos. Os currículos dos cursos superiores estão prontos e formam profissionais para atuarem na educação com uma realidade muito diferente da qual é colocada na base. Nesse sentido, é necessário que haja uma qualificação, uma formação continuada desses profissionais, para que os mesmos possam estar capacitados para seguir as orientações da mesma.

A ideia construída a partir da leitura da BNCC é que o professor capaz de realizar os objetivos por ela assumidos precisa de uma formação inicial absolutamente diferente daquela atualmente praticada pelos cursos de licenciatura que estão em funcionamento no Brasil. A integração do currículo em áreas de conhecimento e o trabalho interdisciplinar pressupõe uma formação pautada em conceitos que por força da Base condicionarão as políticas voltadas para a preparação de professores e a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos. (MARCHELLI, 2017 p. 56).

Conforme apontado por Marchelli (2017) os profissionais que atuam hoje tiveram uma formação diferente dos currículos dos cursos superiores que hoje estão em vigor. Portanto, é indispensável que seja refletido sobre isso, pois não há como mudar as orientações, sem capacitar quem as irá colocar em prática.

2.1 A BNCC, a Cultura Indígena e sua Literatura

A BNCC expõe que o livro didático é um instrumento de referência para os educadores, em relação a textos literários, os autores documento concluem que é um instrumento de manter vivida as histórias dos povos. Para isso são estabelecidos alguns objetivos sobre a Literatura dentro da sala de aula. O documento expõe que:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas

pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, p. 65).

Outra característica importante que é ressaltada no documento dentro do tópico de Ensino Fundamental, é o incentivo à leitura, pois através do contato com os livros no dia a dia escolar os alunos podem criar o hábito de leitura. Essas determinações da BNCC em relação ao ensino literatura também são determinações válidas para a literatura indígena. Apenas em 2018, o ensino da história e da cultura indígena brasileira se tornou obrigatório, por isso ainda se conhece tão pouco da mesma. A falta de conhecimento sobre a cultura é o que faz com que se criem também estereótipos sobre ela.

A BNCC estipula algumas habilidades e competências específicas que os alunos devem desenvolver durante o ensino fundamental com ênfase nos anos finais, no que diz respeito ao ensino da Literatura. São eles:

(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em blog/vlog cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD's, DVD's etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a

caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos

efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BNCC, p. 156-161).

É possível observar, que a BNCC apesar de não citar diretamente a Literatura indígena, põe como objetivos, habilidades e competências o conhecimento de diferentes literaturas como forma de valorização das culturas. Para o documento, os alunos devem sair do Ensino Fundamental com conhecimentos necessários para respeitar e valorizar a cultura indígena e com isso romper com estereótipos que ainda se mantém na sociedade moderna, e ver que também os indígenas são protagonistas de sua própria história e hoje eles mesmos falam de si, não por narrativas de terceiros.

3 Definições e Caracterizações das literaturas

3.1 Literatura

Para podermos falar sobre literatura infantil, literatura de resistência e literatura indígena é importante entendermos sobre a Literatura no seu sentido mais amplo. O termo Literário vem do latim “Littera” ou “Letra”, ou seja, para um texto ser literário ele precisa ter uma linguagem mais elaborada e uma função poética, nos textos literários há grande presença de conotações, isto é, a linguagem em seu sentido figurado.

A literatura é uma manifestação artística, que usa recursos estilísticos para criar textos que emocionem os leitores, apesar de existirem diferentes definições de literatura, ainda há grande impasse no que diz respeito ao seu conceito. Para alguns autores, como Eagleton Terry, muitas são as dificuldades de se definir literatura, mas alguns conceitos que já foram atribuídos à ela. Em Eagleton Terry (2003 p. 01) o autor inicia o texto afirmando que,

Muitas tem sido as tentativas de se definir literatura. É possível por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção- escrita essa que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede.

A arte produzida com palavras é o que pode se aproximar do sentido real de literatura. Por estar presente em todos os setores da sociedade, esta manifestação artística também tem uma história desde sua criação até os dias atuais. Aqui no Brasil, por exemplo, iniciou com o Quinhentismo, por volta do século XVI, produzida nos primeiros anos depois do descobrimento do Brasil, em seguida com o Barroco, por volta do século XVII. Logo depois, vem o Arcadismo no século XVIII. O romantismo no século XIX, seguido do Realismo/Naturalismo também no século XIX, no mesmo ano surgiu o simbolismo, depois o Parnasianismo, Pré-Modernismo e no século XX surgiu então o Modernismo. Para poder chegar na Literatura Contemporânea houve um grande percurso de diferentes manifestações, diferentes estilos e diferentes Autores. Dentre os diversos estilos da literatura podemos citar os gêneros: narrativo, poético e dramático. No gênero narrativo encontramos os Romances, Novelas, Contos e Crônicas. No gênero poético, encontramos Sonetos, Elegia, Ode e Canções. E no gênero Dramático, encontramos as Tragédias, Comédias, Dramas históricos e o Teatro de vanguarda. Sobre a função da literatura, Aristóteles diz que a literatura tem três funções: a cognitiva, a estética e a catártica. Porém com o passar do tempo acrescentou-se a ela uma quarta função: a político-social.

3.2 Literatura de resistência

A literatura de resistência tem grande relevância para esta pesquisa, pois a literatura indígena se encaixa nas características de resistência. A sobrevivência, o dia a dia, os registros e tudo que pode ser visto na literatura indígena, também se apresenta no conceito de resistência.

A função político-social da Literatura pode ser observada quando falamos de Literatura de Resistencia. É importante destacar que esta função não está diretamente ligada à estética do texto, mas a sua intenção e preocupação social. Para Alfredo Bosi (2002, p. 118),

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir.

Desta forma, resistir é se opor a algo pré-determinado e que de alguma forma exerce função de poder sobre o sujeito que necessita resistir. Sobre o significado de resistência, foi um termo utilizado entre as décadas de 30 e 50, com o objetivo de luta contra governos fascistas e contra a ditadura. Na literatura moderna, é perceptível que na literatura de resistência é muito presente, os movimentos sociais, na qual os autores que fazem parte desses movimentos utilizam essa função para se opor, se impor e resistir sobre o que está posto.

A literatura de resistência, de modo geral, também tem como objetivo denunciar, informar e fazer com que as pessoas, através da leitura dos textos, possam reconhecer tanto seus lugares de privilégios quanto as injustiças que estão presentes na sociedade. Desta forma, é uma grande ferramenta de transformação social. Por esta característica, a literatura de resistência tem um papel fundamental no que concerne sua existência na sociedade, isto porquê através dela é possível ir além da leitura dos textos e chegar até a leitura de mundo.

Ler um texto que se apresenta como literatura de resistência, não é apenas fazer uma leitura simples, mas interpretá-lo e adequá-lo à época em que ele está sendo lido, por exemplo, podemos ler um livro ou escutar uma música que foi muito presente na ditadura e contextualizá-lo para a realidade atual do país. A partir dessas leituras e refletindo sobre os acontecimentos da sociedade moderna será possível buscar romper com o que está pré-determinado e combater injustiças que podem ser da época que o texto foi escrito, dos dias atuais na sociedade moderna e também das futuras gerações.

Outra característica importante desta modalidade de textos, é a questão da sobrevivência. Na sociedade muitas minorias como: mulheres, indígenas, LGBTQIA+ e negros verificam a tentativa de apagamento de sua história de luta e de suas conquistas. Então a

literatura, neste contexto, é colocada como uma forma de registro dessas histórias e de documentação dessas conquistas, por isso esta modalidade é tão importante quando se observa o cenário atual em que a sociedade está inserida. Cenário esse no qual se observa uma luta da população indígena por mais respeito e direitos.

3.3 Literatura Infantil

Dentre as mais diversas manifestações artísticas, o público-alvo dessas manifestações é também diverso, a literatura infantil tem um público específico, o mais jovem, as crianças. Por ter um destinatário já determinado, é muito fácil de reconhecê-la dentre as outras, pois é uma vertente que se define pelo seu público-alvo. Como afirma Simões (2013, p. 219),

O que define e distingue a literatura infantil é, justamente, seu leitor implícito, ou melhor, o que marca sua especificidade é o público a que se destina, pois é a única manifestação literária que [...] tem um público bem determinado

Para que possamos conhecê-la, é importante observarmos um pouco de sua história. Não foi simples o processo de formulação do conceito de Literatura infantil, pois a infância no decorrer da história foi vista de diferentes formas, e muito diferente do que vemos hoje, pois as crianças eram vistas apenas como pequenos adultos, suas particularidades não eram respeitadas e muito menos valorizadas. Foi a partir do momento que se entendeu que a infância era algo particular e que necessitava de mais atenção que a sociedade passou então a reformular muito do que já havia sido determinado, e dentre as reformulações está a criação do conceito de literatura infantil. Cunha (1987, p. 19) faz um resumo desta história, segundo ele,

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Como o que diferencia esta manifestação é justamente o seu público, o que não acontece em outras vertentes da literatura, essa característica traz algumas críticas por parte de alguns autores, como por exemplo, Hunt. O conceito de literatura infantil para a autor não pode ser definido pelo seu público alvo. Hunt que é um dos estudiosos da temática, traz diversas reflexões sobre o assunto. Para ele, se define literatura segundo os propósitos próprios, em Hunt (2010, p. 96) ele diz que

no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças.

Para o autor, definir literatura pelo público alvo é uma grande problemática, visto que a literatura infantil seria a leitura de livros adequados, mas muitas vezes um livro só é considerado bom se a corrente literária/academia dominante o determina como “bom”.

3.4 Literatura Indígena

A partir dos conhecimentos adquiridos sobre literatura, literatura de resistência e literatura infantil, é importante e necessário que venhamos entender também a literatura indígena. Para iniciar, é importante ressaltar que assim como as demais formas de manifestações artísticas existentes, a literatura indígena, tem um objetivo e possui características próprias. Vangri Kaingáng (2017) afirma que a

Literatura indígena é uma forma de perpetuar o conhecimento oral, ou seja, quando um indígena escreve sobre seu próprio povo ele está traduzindo para escrita experiências que aprendeu por vivência cultural, sua família, suas raízes, ele fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito e o que verdadeiramente é, pois fala com propriedade daquilo que conhece.

É possível observar que a escrita indígena é uma forma de documentação de suas tradições e de registros de sua cultura. Como o povo indígena é um povo que desde o descobrimento do país está sob ataques tanto à sua cultura, tradições, costumes, religião e até mesmo no que se refere às suas vidas é importante e necessário que estejam resistindo, pois a literatura neste contexto se apresenta como uma forma de resistência.

Segundo o escritor Hakiy (2018, p. 37-38) o indígena sempre utilizou a oralidade para transmitir seus saberes, sua cultura. Com o passar do tempo e com alguns mecanismos tecnológicos, a literatura indígena produzida por escritores indígenas vem tendo seu papel enriquecido nascendo dentro da tradição oral, podendo ser levado para além das aldeias e carregando em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento.

Para Kambeba (2018, p. 39) os grafismos também eram um meio de transmissão de conhecimento dos povos indígenas, sendo produzidos em paredes, pedras, e em artefatos como vasilhas feitas de cerâmicas, potes etc. Eles possuíam riquezas de significados e eram de fácil interpretação entre eles. A autora enfatiza que com a escrita nasce a literatura indígena, que para ela é “uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência”. Ainda conforme a autora, uma vertente literária muito utilizada na literatura indígena é a poesia

e muitos autores indígenas optam por esta modalidade (KAMBEBA, 2018). Além disso, apresentar um texto com poesias em sala de aula se torna muito estimulante e interessante para os alunos, e mesmo sendo textos em forma de rima podem trazer consigo denúncias e temas diversos sobre a cultura.

Um papel importante na escrita indígena é a oportunidade que ela cria para que o país de maneira geral conheça a cultura e a partir disso rompa com estereótipos que já estão presentes na sociedade há tanto tempo. A história dos indígenas e até mesmo suas características sempre foram contadas por pessoas não indígenas que de certa forma não tinham lugar de fala, não tinham vivência e nem conhecimentos necessários. Desta forma, o que chegou até os dias atuais foi a ideia construída por terceiros, que abavam descrevendo da forma que achavam melhor. Entretanto, para Daniel Munduruku (2008), que é um dos maiores escritores indígenas no Brasil, a conquista da escrita indígena ainda é muito recente para grande parte do povo indígena.

3.5 Literatura indígena em sala de aula

Quando propus o tema para essa pesquisa, recordei-me da época em que como aluna em sala de aula, quando ouvia sobre literatura indígena, eram apresentados mitos e lendas do imaginário da oralidade de representantes indígenas e não indígenas que foram repassados de geração a geração. Entretanto, nem sempre essas narrativas representavam o retrato fiel dos povos originários, e quase sempre, possuíam uma pitada de colonização nas entrelinhas. Com o objetivo de mudar esse quadro, os autores contemporâneos indígenas, com suas obras e narrativas, mostram a verdadeira essência da cultura, dos saberes ancestrais, dos rituais da pajelança, dos grafismos históricos e da oralidade rica em mistérios e valorização da floresta. Mas além disso, trazem o grito de povos indígenas de diferentes etnias e de variadas línguas, os quais foram calados por muito tempo e representados por olhares que não eram os seus.

Os autores indígenas contemporâneos trazem um leque de produções, com muitos saberes, além de biografias de vivências nas aldeias, são inúmeras obras para todas as idades. Como essa pesquisa focaliza a literatura infanto-juvenil para alunos do ensino fundamental anos finais, atentaremos para autores que abordam temáticas próprias para essa faixa etária. Mesmo sendo recente, é possível encontrar a literatura indígena disponível, tanto escrita por autores indígenas como autores não indígenas, dentre elas podemos citar: *A terra sem males: mito guarani*, de Alencar Jackson Ferreira; *Das crianças ikpeng para o mundo marangmotxíngmo mirang*, de Rita Carelli; *Câmera na mão, o guarani no coração*, de Moacyr Scliar; *Kurumi guaré no coração da amazônia*, de Yamã, Yaguarê; *Wamrême za'ra: nossa palavra – mito e história do povo xavante*, de Sereburã; *Sepé tiaraju: romance dos sete povos das missões*, de

Alcy Cheuiche; *o Karaíba: uma história do pré-brasil*, de Daniel Munduruku. *Amazonas: pátria da água*, de Water Heartland; *Maíra*, de Darcy Ribeiro; *O filho da ditadura*, de Juvenal Payayá; *olho d'água: o caminho dos sonhos*, de Roni Wasiry guará e *ay kakyri tama: eu moro na cidade*, de Marcia Wayna Kambeba. *Awyató-pót: histórias indígenas para criança*, de Tiago Hakity; *As fabulosas fábulas de iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé; *Irakisu: o menino criador*, de Renê kithãulu; *Coisas de índio: versão infantil*, de Daniel Mundurucu; *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, de Daniel Mundurucu.

Um dos autores mais consagrados nesse ramo é Daniel Mudurucu, um escritor e professor paraense, pertencente ao povo indígena Munduruku. O autor tem 56 livros publicados por diversas editoras, no Brasil e no exterior, a maioria classificados como literatura infanto-juvenil e paradidáticos. E já recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por sua obra literária: Prêmio Jabuti CBL - Câmara Brasileira Do Livro (2004 e 2017); Prêmio da Academia Brasileira de Letras (2010) - ABL; Prêmio Érico Vanucci Mendes - CNPq; Prêmio para a Promoção da Tolerância e da Não Violência – UNESCO; Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural, em 2018. E em 2021 foi condecorado pela OAB/SP como personalidade literária, e o reconhecimento deste autor não para por aí. Muitos de seus livros receberam selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. O autor é um ativista engajado no Movimento Indígena Brasileiro, reside em Lorena, interior de São Paulo, desde 1987. Cidade onde é Diretor-Presidente do Instituto Uka e do selo Uka Editorial. Também é membro-fundador da Academia de Letras de Lorena. Foi cofundador da primeira livraria online especializada em livros de autores indígenas e promove há 18 anos o Encontro de Escritores e Artistas Indígenas no Rio de Janeiro em parceria com a FNLIJ. Em 2021, concorreu à Cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras. Se lançou como Deputado Federal pelo PDT na cidade de São Paulo nas eleições de 2022.

Mudurucu sempre ressaltou a importância da representação literária indígena para a promoção de igualdade e valorização cultural dos povos originários, cada uma de suas obras é pensada minuciosamente em qual valor vai ser repassado, qual experiência os leitores vão absorver e repassar para as futuras gerações. E foi pensando em repassar valores nunca vistos que o escritor na sua missão de vida vem encantando com suas narrativas para o público infanto-juvenil.

4 Métodos e Propostas

Essa pesquisa é de caráter descritivo onde seu objetivo apresenta a importância histórica e cultural de valorizar a literatura indígena. A abordagem dela é qualitativa, sucedendo com os levantamentos de dados dos povos originários, buscando assim compreender sua trajetória até a materialização em literatura escrita por indivíduos indígenas. A pesquisa foi de cunho bibliográfico com levantamento de conceitos e dados de livros, de artigos e de sites da internet. Os referenciais teóricos utilizados para a fundamentação da pesquisa foram: Gallo (2017), Marchelli (2017), Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), Eagleton Terry (2003), Alfredo Bosi (2002), Simões (2013), Cunha (1987), Hunt (2010), Vangri Kaingáng (2017), Dorrico (2018), Danner (2018), Correia (2018), e Danner (2018).

Com o objetivo de conhecimento da cultura indígena através da literatura indígena, por meio da voz do indivíduo originário, essa seção almeja apresentar uma proposta de intervenção para aplicar, dentro de sala de aula. Objetiva-se com isso quebrar mitos e paradigmas já enraizados na sociedade, demonstrando o papel dos povos indígenas, a sua atuação no campo literário e a importância de eles serem autores de sua própria história, levando a ancestralidade indígena como a oralidade escrita nas produções literárias.

As propostas a seguir não foram aplicadas em campo, elas se inserem no cunho da pesquisa bibliográfica, com coletas de dados para propor um plano de aula que procure levar a temática para a sala, com alunos do ensino fundamental anos finais. Aplicaremos como proposta, um tema transversal contemporâneo de valorização cultural indígena seguindo o que diz o artigo 26-A da LDB para complementar a Lei 10.639/03 e que também se aborda as questões indígenas no Brasil:

Art. 1º o art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira indígenas”

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil. (BRASIL, 2008, s/p.).

As leis, neste sentido, afirmam o direito de toda a sociedade em obter acesso ao conhecimento sobre as expressões socioculturais dos povos indígenas, atendendo as reivindicações do grupo étnico.

Ao iniciar a temática dentro de sala, o educador tem que ter em mente que é importante conhecer conceitos pré-estabelecidos dos alunos sobre os povos indígenas. Bordini e Aguiar (1993), explicam que o Método Recepcional de Leitura, nas escolas brasileiras, é pouco considerado devido à tradição de não se considerar o ponto de vista do leitor. Por esse motivo, é importante instigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as comunidades indígenas, sobre o papel do indivíduo, sobre os conceitos que a palavra índio carrega, e o mais importante de tudo, o que os alunos sabem da cultura indígena como, rituais, artesanatos, palavras inseridas nos vocabulários, línguas indígenas e modo de vida.

Um dos grandes desafios em levar essa literatura de autoria indígena para sala de aula, é superar o desconhecimento que os professores têm sobre autoria indígena e as informações estereotipadas, pois quando eles conhecem algumas obras, as avaliam pelos critérios canônicos ocidentais de literariedade.

Graúna (2013, p. 15) enfatiza que, a literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea, vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones.

4.1 Organização da proposta da sequência didática

Como forma promover um rico aproveitamento da proposta, instigando assim a curiosidade dos alunos, as sequências de aulas serão separadas em oficinas, em aulas da disciplina de Literatura, sendo estas de 10 horas/aulas distribuídas da seguinte forma:

Oficina 1 – Atividade individual, para observar os conhecimentos dos alunos sobre a temática indígena, será realizada uma enquete com perguntas de respostas fechadas e abertas, designando alguns minutos que antecedem à oficina 2.

Oficina 2 – Atividades reflexivas, em grupo, para complementar a oficina 1, a proposta dessa oficina é visar o reconhecimento da presença indígena em diferentes tipos de contextos sociais, utilizando notícias da internet, com pesquisa em sites, para levar os alunos a conhecer não só os indivíduos indígenas como autores, mas como sujeitos de sua própria história em condições social, como política, arte, nas áreas humanas, exatas e da saúde.

Oficina 3 – Leituras diversificadas sobre a literatura indígena, objetivando expandir o conhecimento da temática indígena dialogando assim com as obras classificadas como cânones. Buscando fazer uma ruptura dos horizontes das expectativas dos alunos.

Oficina 4 – Atividades em grupo, será proposto a leitura da obra “Meu avó Apolinário” do escritor Daniel Muduruku. Incentivando uma leitura crítica e a identificação dos elementos da literatura indígena que promovem um novo olhar sobre a temática indígena e, especialmente, sobre a visão do autor que é de povo originário. Em seguida, será proposta uma atividade em grupo para a pesquisa de produções literárias infanto-juvenis indígenas e para a produção textual de uma Biblioteca Literária Indígena, cujo objetivo é promover uma apresentação em um workshop dentro de sala para a escola e comunidade.

Oficina 5 - Atividades de produção textual da Biblioteca Literária Indígena, com cartazes para cada pesquisa realizadas dos grupos com informações catalogadas pelos alunos sobre a obra, o autor, etc. Essa oficina tem como objetivo levar a literatura indígena como aprendizagem cultural e linguística de cada obra.

E por fim o Workshop para apresentar a comunidade escolar e externa o que foi adquirido de conhecimentos dos alunos durante os percursos das oficinas.

4.2 Plano de Aula – Passo a Passo detalhado das Oficinas

Competências e habilidades previstas: EF69LP44; EF69LP45 e EF69LP53.

Público-alvo: Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental anos finais.

Objetivos: Levar ao conhecimento e dar visibilidade à literatura de autoria indígena para promoção da valorização cultural presente nos povos originários, quebrando assim o estereótipo da cultura indianista colonizadora tão presente em nossa sociedade, dando um novo espaço dentro de sala de aula para o olhar do indivíduo originário de sua própria ancestralidade.

Atividades Propostas: A sequência é dividida em 5 oficinas de 2h cada. Cabendo assim ao professor a divisão de dias e tempo para cada oficina.

Oficina 1 – Determinar o que se sabe, almejando o que se espera.

Essa oficina é apresentada em três momentos, sendo o primeiro a apresentação do projeto e da temática; o segundo momento será a sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática por meio de uma enquete; e o último a determinação das expectativas esperadas.

Atividade 1 - Enquete

“Para o índio, toda palavra possui espírito” (JECUPÉ, 1998).

O tema de literatura indígena, dentre inúmeras razões, foi selecionado, especialmente, devido à escassez de textos literários de autorias indígenas nos materiais didáticos do Ensino

Fundamental que circulam nas escolas. A primeira atividade é uma breve enquete com algumas perguntas.

As perguntas podem ser elaboradas conforme o exemplo abaixo, sempre suscitando nos alunos o pensamento crítico sobre o tema.

1. Existem indígenas no Brasil? Onde eles vivem? Como eles são?
2. Como são as aldeias indígenas? Conhece alguma aldeia? Se não conhece, pesquise depois e complemente o registro.
3. Conhece a dança ou a música indígena? Como é a pintura indígena? Se não conhece, pesquise e complemente o registro.
4. Qual costume indígena você pratica? Depois da aula, faça uma pesquisa sobre o assunto e complemente as respostas.
5. Como você vê os indígenas? Eles sabem ler e escrever? O que escrevem? Há indígenas profissionais? Se conhece algum(a) escritor(a), poeta, músico, ator/atriz, etc., registre o(s) nome(s).
6. Como você vê o tema indígena no currículo escolar? Use argumentos e justificativas para fundamentar a sua resposta.
7. Conhece literatura sobre indígenas escrita por indígenas? Qual obra conhece? Como é chamada a obra escrita pelos indígenas?
8. Por que é importante o conhecimento da cultura indígena? Use argumentos e justificativas para fundamentar a sua resposta.
9. Conhece a Lei 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”?

Ao finalizar todas as atividades das oficinas é interessante voltar para rever essas perguntas e respostas.

Oficina 2 – Indígenas além dos mitos.

Nesta oficina os alunos dedicaram um tempo para pesquisa na sala de informática, ou o professor levará já notícia impressas em cestas para que os alunos conheçam o sujeito indígena não só como habitantes das florestas. É importante que tenha uma variedade de notícias, de indígenas como políticos, escritores, cantores, educadores etc. Nesse sentido, foram separados alguns links da internet com notícias como: Cresce a representação indígena na política brasileira com eleições; Formação de professores para Educação Indígena; Banca formada por

professores indígenas qualifica tese de doutorado que analisou a criminalização de lideranças indígenas; Cinco artistas indígenas para conhecer, que serão utilizados nesta oficina¹.

Oficina 3 – Literatura Indígena, Indianista e Indigenista – Rompendo horizontes e destacando valores.

Ao iniciar esta oficina, o educador deve explicar aos alunos a diferença dos termos literatura “indigenista” (sobre indígenas escrita por não indígenas), “indianista” (literatura sobre o índio “bom selvagem” do Romantismo brasileiro), e indígena (literatura sobre indígenas escrita por indígenas). Podem ser usados alguns exemplos:

- Obras Indianistas podemos citar as de José de Alencar como *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, são os cânones de nossa literatura brasileiras.

- Obras Indigenistas temos como exemplo *A terra em males*, de Jakson de Alencar e Angelo Abu; *Palermo e Neneco*, de Ana Carvalho e Marisns Zanetti; *A história de Akysysia- O dono da caça*, de Rita Carelli, dentre outros autores.

- Obras Indígenas são todas as que foram abordadas nesta pesquisa e podem ser usadas como exemplo nesta oficina.

O objetivo principal da oficina é levar os alunos ao conhecimento de diferentes tipos de obras que contam narrativas indígenas, a fim de fazerem uma análise sobre cada modelo, é importante enfatizar as características de cada termo deixando claro o ponto de vista de cada um. Ao final é importante que seja feito um apanhado histórico sobre as produções.

Oficina 4 – O indivíduo indígena como autor de sua própria história.

¹PEIXOTO, Guilherme. **Cresce a representação indígena na política brasileira com eleições**. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/22/interna_politica,1239592/amp.html&ved=2ahUKEwiUwtXaxJD7AhUhpUCHdZOCPIQFnoECAoQAQ&usg=AOvVaw3RGXBxSb4Fag1croF-nCrj.

NOVA ESCOLA. **Formação de professores para Educação Indígena**. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://novaescola.org.br/conteudo/3572/formacao-de-professores-para-educacao-indigena&ved=2ahUKEwj0zOL4xJD7AhU2uZUCHcxRBikQFnoECAsQAQ&usg=AOvVaw20ZyEnESNkt0y47_R5Dosf.

PORTAL UFPA. **Banca formada por professores indígenas qualifica tese de doutorado que analisou a criminalização de lideranças indígenas**. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/13868-banca-formada-por-professores-indigenas-qualifica-tese-de-doutorado-que-analisou-a-criminalizacao-de-liderancas-indigenas-no-para&ved=2ahUKEwih1MKYxZD7AhVWg5UCHVXkCNYQFnoECAcQAQ&usg=AOvVaw11MevXKCOJuP-syoW9VfYy>.

CULTURA ENTRETENIMENTO. **Cinco artistas indígenas para conhecer**. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/08/04/4288_cinco-artistas-indigenas-para-conhecer.amp.html&ved=2ahUKEwjKt-mxxZD7AhWrijZUCHWxYABEQFnoECA4QBQ&usg=AOvVaw3yzkjWPVkfJmHaUbwvnSZ-

Apostamos nesta oficina como o pivô das produções do workshop. A proposta é organizar os alunos em grupos de no máximo cinco integrantes e na oportunidade entregar aos grupos o Livro *Meu Vô Apolinário – Um mergulho no rio da (minha) memória*, do Escritor Daniel Munduruku. O livro é uma narrativa bibliográfica do autor, nele Daniel retrata sua infância, seus conflitos internos e externos e a importância do ensinamento do avô que levou ao crescimento pessoal do autor.

O grupo realizará a leitura e logo em seguida será feita a análise de pontos, de ícones da cultura indígena, sobre a relação com a cidade do autor que narra sua vida na infância. Também é interessante abordar a busca da identidade do pequeno indígena autor e principalmente a relação com o avô, os ensinamentos que formaram a base do autor.

Após a discussão dos resultados analisados no livro, será proposto a pesquisa para a produção da “Biblioteca Literária Indígena”, na qual será preciso que os alunos pesquisem obras literárias infanto-juvenis de autoria indígena, para a produção da biblioteca.

Oficina 5- Eternizando conhecimentos culturais e literários.

Seguindo a finalização com chave de ouro, está oficina será a produção da biblioteca. Com a catalogação de cada obra pelos grupos, será realizado a produção escrita em cartazes com o nome do livro e a imagem do autor e uma rápida bibliografia dele, e um pequeno resumo do que trata o livro. Como exemplo, será exposto o modelo abaixo com algumas produções literárias de autoria indígena. Exemplos esses retirados e selecionados do site Museu do Índio UFU:

BIBLIOTECA LITERÁRIA INDÍGENA		
OBRA	AUTOR	CITAÇÃO
 <p>Kaba Darebu</p>	 <p>Daniel Munduruku</p>	<p>“Nossos avós nos dizem que a tinta pode nos tornar invisíveis diante de animais e peixes, mas para isso é preciso cantar e dançar para os espíritos da floresta. E a gente acredita que todos os</p>

<p>"Nossos pais nos ensinam a fazer silêncio para ouvir os sons da natureza; nos ensinam a olhar, conversar e ouvir o que o rio tem para nos contar; nos ensinam a olhar os voos dos pássaros para ouvir notícias do céu; nos ensinam a contemplar a noite, a lua, as estrelas..."Kabá Darebu é um menino-índio que nos conta, com sabedoria e poesia, o jeito de ser de sua gente, os Munduruku.</p>	<p>Daniel Munduruku é um premiado escritor e professor pertencente ao povo Munduruku. É formado em Filosofia, possui licenciatura em História e Psicologia, é mestre e doutor em educação pela USP. É membro da Academia de Letras de Lorena e já recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior: Prêmio Jabuti, da Academia Brasileira de Letras, Prêmio Érico Vanucci Mendes (CNPq), Tolerância (UNESCO).</p>	<p>seres da natureza têm um espírito que os protege e a nós também" (2002, p. 16).</p>
<div data-bbox="389 831 572 1093" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="373 1099 579 1128">Eu sou macuxi</p>	<div data-bbox="804 831 1066 1093" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="754 1137 935 1167">Julie Dorrico</p>	<p>“No chão da minha memória corre a menina com as árvores. As gentes são tudo aquilo que conversam com o seu coração (2019, p. 73).”</p>
<p>“Frutos da memória é o que somos. Ela guarda as histórias que nos dizem, falam de nós ainda que não a reconheçamos. Mexe com nosso imaginário até que digamos, afirmemos, aceitemos o ser. Ela não nos permite acomodar, menos ainda ignorar a roda da existência. Circularidade que nos provoca a sermos o que sempre fomos: origem.</p>	<p>Julie Dorrico pertence ao povo Macuxi. Doutora em Teoria da Literatura na PUCRS. Autora da obra “Eu sou macuxi e outras histórias” publicada pela editora Caos e Letras (2019). 1º no concurso Tamoios/FNLIJ/UKA de novos escritores indígenas em 2019.</p>	



O sopro da vida: putakaryy kakykary,

A história de Win Dan, menino Wapichana de quatro anos, que vivia no cerrado do Planalto Central do Brasil, e queria salvar as “plantas bebês”, como assim chamava as sementes, que estavam doentes e não germinavam. Assim, iniciou sua trajetória junto à Mãe Terra, à família e aos grandes espíritos, com os pajés. Uma narrativa de amor e esperança em que as tradições ancestrais de respeito, conhecimento e cuidado da Natureza podem germinar dentro da infância.



Kamuu Dan Wapichana

Kamuu Dan Wapichana (Filho do Sol) pertence ao povo Wapichana. É estudante de Gestão Ambiental na Universidade de Brasília, escritor, contador de histórias, educador sócio-ambiental popular, permacultor, nascido em na capital de Boa Vista-RR, de origem do Povo Wapichana. Kamuu tem dois livros publicados e mais 13 histórias aguardando para ganhar espaço.

“Certo dia encontrou, na primeira manhã que caía as frutas do cerrado, algo que não sabia direito o que era e foi logo perguntar a seus irmãos. Uionare, a única menina dentre os sete, lhe explicou que era uma semente. Ficara intrigado e perguntou o que era uma semente. Uionare respondeu que ela caía da árvore, e que era um bebê.” (2019, p. 8).



Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia

No livro Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia, o autor Edson Kayapó conta sua própria história de vida. Desde a sua rotina na aldeia indígena de que fazia parte, no Amapá, até sua mudança para estudar em um colégio interno – e como esse fato foi determinante para a sua vida profissional. O livro, escrito



Edson Kayapó

Edson Kayapó, pertencente ao povo Mebengokré, é ativista do movimento indígena e ambientalista. Doutor pelo EHPS/PUC-SP, mestre em História Social pela mesma instituição. Escritor premiado

“Quiseram vencer a floresta, arrancaram as árvores do chão. Onde não tem árvore tem lama. Mas onde já se viu! - indignou-se. -Não vence a floresta. Não vence, não - murmurou, entre um sorriso.” (2019, p. 23).

<p>como uma autobiografia, instiga o leitor a valorizar a natureza, os povos indígenas do Brasil e a respeitar a cultura formadora de nosso país, pois é fundamental “viver em harmonia com a natureza, sem necessidade de destruí-la para obter a nossa sobrevivência, e respeitar o próximo em toda a sua diversidade, sem preconceitos”, como assegura o autor no final da obra.</p>	<p>pela UNESCO e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, conferencista e professor de História indígena e Educação Escolar Indígena na Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia.</p>	
<div data-bbox="371 707 557 972" data-label="Image"> </div> <p style="text-align: center;">As aventuras de Angelina e o Bruxo do Sofrimento</p>	<div data-bbox="774 723 1042 983" data-label="Image"> </div> <p style="text-align: center;">Niara Terena</p>	<p>“...o tempo em que a terra pousou na escuridão, de Niara Terena: “Então eu no futuro olhei para o chão e eu no presente olhei para mim no futuro e fiz uma promessa:</p> <p>- Eu prometo que “você-eu” não vou acabar assim.” (2018).</p>
<p>O bem vence o mal sempre? A alegria vence a tristeza? Qual o seu limite? Num lugar onde o colapso tomou conta devido à ambição, Angelina, uma adolescente como você, vive uma aventura na qual os poderes baseiam-se nos sentimentos e emoções. E você, vem junto nessa aventura? Em uma cidade pequena e deserta vivia uma jovem menina chamada Angelina. Angelina era feliz com sua família e adorava ajudar as pessoas. Mas, certo dia, algo estranho aconteceu...</p>	<p>Niara Terena pertence ao povo Terena. É natural de Cuiabá, nasceu em 2006. É escritora de ficção e mais recentemente de dramaturgia. Aos 8 anos publicou o primeiro livro, “Amor Essencial” (2015) e, aos 11 anos, publicou “As aventuras de Angelina e o bruxo do sofrimento: o tempo que a terra pousou na escuridão” (2018). As duas obras foram publicadas pela editora Sustentável.</p>	
<div data-bbox="384 1608 587 1868" data-label="Image"> </div> <p style="text-align: center;">Irakisu, o menino criador.</p>	<div data-bbox="799 1615 1066 1874" data-label="Image"> </div> <p style="text-align: center;">Renê Khitãulu</p>	<p>“Na nossa aldeia, quando anoitece, as crianças chamam o cantor para animar as pessoas e contar histórias, que chamamos wanta iyaujausu.” (2002, p. 11).</p>

<p>Neste terceiro volume da Coleção Memórias Ancestrais, Renê, representante genuíno do povo Waikutesu dos Nambikwara, índios que moram em sua maioria no Estado do Mato Grosso e em uma pequena parte do estado de Rondônia, nos conta o mito de criação de sua gente, além das histórias narradas às crianças da tribo pelos mais velhos, no finzinho da tarde em volta da fogueira. São histórias lindas, atuais e que proporcionarão à criança o contato com a cultura indígena ainda hoje preservada em muitos cantos do país.</p>	<p>Renê Kithãulu pertence ao povo Waikutesu, da área indígena Nambikwara, situada perto do município de Comodoro, Mato Grosso. Foi contador de histórias, educador, ensinava a atirar com arco e flecha, a cantar e a brincar. Ele já encantou.</p>	
---	---	--

Concluindo as propostas, será realizado um Workshop na sala, para expor biblioteca produzida, a fim de que não só os alunos da sala absorvam esse conhecimento e valorizem a cultura indígena e o sujeito originário como autor de sua própria história, mas também para que a comunidade escolar e externa tenha acesso a todo esse conhecimento contribuindo para a valorização cultural nacional.

Além disso, depois da seleção destas obras, esta pesquisa se torna um norte para que professores possam acessá-la tendo assim contato com a literatura de autoria indígena, propagando o que por muitas vezes foi um território desconhecido ou “mau” descrito durante décadas.

Em síntese, essa pesquisa objetiva dar visibilidade à literatura indígena, mostrando ser possível usá-la dentro de sala de aula. Quando se tem conhecimento da diversidade de literaturas indígenas presente em nosso país, compreende-se que é necessário que todas sejam estudadas e respeitadas. Desta forma, a temática pontuada durante o desenvolvimento desta pesquisa, que foi pautada na base nacional comum curricular, busca demonstrar aos professores a possibilidade de usar a literatura como ferramenta de resistência e divisão de conhecimento e de auxílio no desenvolvimento literário e cultural dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se demonstrar como a literatura na escola contribui para a construção da relação de respeito entre as diferentes culturas existentes no país. A partir desta produção, será possível identificar literaturas de autores indígenas para serem utilizadas na sala de aula. É importante destacar que, esta produção buscou identificar autores indígenas e não indígenas que tratem da temática da cultura e da diversidade presente no país. Com isso objetiva-se que os alunos a partir dos conhecimentos alcançados com a leitura de textos possam entender a importância das diversas literaturas, tanto para a história de seu povo quanto para a história do país de modo geral.

Durante esta pesquisa foi possível perceber o quanto ainda é pouco divulgada a literatura indígena e o quanto isso afeta a visão que a sociedade tem sobre a temática, pois sem conhecimento o pensamento ultrapassado ainda permanece. Assim, a temática é essencial para a desconstrução daquilo que nos foi colocado por tanto tempo sobre a cultura indígena e seria importante essa discussão começar na escola. Tendo em vista que, a escola tem uma grande responsabilidade social, desenvolvendo um papel essencial na sociedade, pois é através dela e começando na infância que é possível buscar a transformação que tanto se deseja, na qual a diversidade de culturas sejam respeitadas e abrindo espaço para todas as manifestações artísticas.

É importante ressaltar também que a BNCC desenvolve uma função muito importante, no que diz respeito à temática da literatura nas escolas. Quando o assunto é a literatura indígena ela apresenta suas orientações, mas infelizmente ainda são pouco seguidas pelos docentes. Deixar um assunto na ótica generalizada, muitas vezes, pode fazer com que temáticas que são recentes não sejam tão pontuadas, e é exatamente o que acontece com a literatura indígena. Como é um documento que passa por constantes atualizações e ainda está em processo de implementação, é necessário e possível que com o tempo ela venha tratar de forma mais específica da literatura e dos autores indígenas.

Dar mais visibilidade à literatura indígena é essencial e urgente, mas isso só é possível através do conhecimento disseminado nas escolas, no dia a dia dos alunos. A BNCC mostra o caminho, mas ela não irá se atualizar sem que haja resistência. É um processo que poderemos ver a longo prazo, mas é indispensável que se comece ou se continue. Esta pesquisa faz parte deste movimento, o de trazer visibilidade e dar à sociedade uma nova ótica sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 30 de mar de 2022.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 de mar de 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 30 de mar de 2022.
- CUNHA, Manuela Carneiro. O efeito Lévi-Strauss: Anotações para uma conferência na USP. **Tempo Brasileiro**, v. 175, p. 120, 2009.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1987.
- ERICKSON, F. **Métodos cualitativos de investigación**. In: WITTROCK, M. C. La investigación de la enseñanza, II. Barcelona- Buenos Aires-Mexico: Paídos, 1989, p. 195-299.
- HUNT, Peter. Definição de literatura infantil. In: _____. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.p 73-101.
- KAINGÁNG, Vangri. **Literatura Indígena**. Disponível em: <http://institutotear.org.br/literatura-dos-povos-indigenas>. Acesso em: 30 de mar de 2022.
- LIBÂNEO, José Calos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico] - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- MARCHELLI Paulo Sergio. **Base Nacional Comum Curricular e formação de professores: o foco na organização interdisciplinar do ensino e aprendizagem**. REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA | Nº 7 | Jan. Abr./2017 Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/6555> Acesso em: 25 de Jan de 2022.

MICHAEL, Young. **Teoria do Currículo: o que é e por que é importante**. Cadernos de Pesquisa. V.44, n.151, p.190-202, jan/mar.2014. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 25 de Jan de 2022.

MUNDURUKU, Daniel. Kaba Darebu. Disponível em: <https://www.musindioufu.org/bioma-amaz%C3%B4nia>. Acesso em: 30 de mar de 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade** (2008). Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena>. Acesso em: 30 de mar de 2022.

PEREIRA, T.V; COSTA, H.H.C; CUNHA, E.V.R. **Uma base à Base: quando o currículo precisa ser tudo**. Revista de Educação Pública. v. 24, n. 56, 2015. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2377>. Acesso em: 25 de Jan de 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. **Literatura Infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte**. In: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários. n. 46. Cadernos de Letras da UFF. Niterói – RJ: 2013.

PALMQUIST, Helena. **Questões sobre genocídio e etnocídio indígena: a persistência da destruição**. Dissertação defendida em: 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Disserta%C3%A7%C3%B5es%202018/Dissertacao%20Helena.pdf>. Acesso em: 25 de Jan de 2022.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Último censo do IBGE registrou quase 900 mil indígenas no país; dados serão atualizados em 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>. Acesso em: 15 de abr de 2022.

NONADA. Daniel Munduruku: “Eu não sou índio, não existem índios no Brasil”. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em: 15 de abr de 2022.